

OSCAR VON PFUHL

Tatá, um tamanduá apaixonado

Texto para teatro infantil
ou infanto-juvenil

Letras & Letras®

© Editora Letras & Letras, 2001

Equipe de Realização

Editor: Carlos José Linardi
Supervisão Gráfica: Waldenes Ferreira JApysá Filho
Assistente Editorial: Carlos Alberto Carmignani Linardi
Revisão: Antônio Orzari - Peppino D'Ardis
Capa: Freddy Galan

Ficha Catalográfica

OSCAR VON PFUHL — São Paulo:
Editora Letras & Letras, 2001

Bibliografia
ISBN 85-7527-003-6

1. Literatura Infante-Juvenil
2. Teatro

Letras & Letras®

Atendimento ao consumidor:
Av. Ceci, 1945 - Planalto Paulista
Fone: (0xx11) 577-5746 / 5594-2132 / 5581-2183
Fax: (0xx11) 5594-2111
Cep 04065-003 - São Paulo - SP
e-mail: letras@uol.com.br
site: www.letraseletras.com.br

Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial
desta obra sem a autorização do editor.

Tatá, um tamanduá apaixonado

Personagens:

Professor e alunos — *Transformam-se nos personagens da história.*

Tatá — *Tamanduá novo, que tanto tem de grande quanto de ingênuo.*

Tati — *Cotia, mais velho, mais prosaico e mais experiente do que Tatá.*

Jaci — *Jovem índia.*

Guerreiro branco — *Rapaz de tipo comum, vestido como caçador e sem nenhum aspecto guerreiro.*

Muruxaua, pajé e índios.

PRÓLOGO

Professor — *(batendo palmas junto ao grupo de alunos no proscênio)* — Bem, minha gente, o descanso acabou, agora vamos começar a nossa aula prática. Venham todos para cá.

Alunos — Sim, senhor.

Professor — Estão todos presentes?

Alunos — Todos.

Professor — Como vocês já sabem, vamos ter hoje representação teatral.

Alunos — Legal! Bacana!

Professor — Vocês se lembram bem da história e dos diálogos?

Alunos — Sim, senhor. Lembramos.

Professor — Na história há uma tribo de índios, com o seu chefe. Como é que ele se chama mesmo?

Alunos — Muruxaua!

Professor — Ou morubixaba. E o seu feiticeiro?

Alunos — Pajé!

Professor — Os índios moram nas malocas da sua aldeia chamada...

Alunos — Taba!

Professor — Há também uma jovem índia, filha do chefe...

Alunos — Jaci!

Professor — ... e dois bichos que falam e são feito gente de verdade.

Alunos — Tati e Tatá!

Professor — E o que são eles? Explique você aí.

1º Aluno — Tatá é um tamanduá grandão no tamanho, mas novo na idade. Parece uma criança. Um tamanduá criança.

Professor — Muito bem. E Tati?

1º Aluno — Tati é uma cotia.

2º Aluno — *É um cotia.*

1º Aluno — Cotia é epiceno. A gente diz: uma cotia.

Professor — Bem, vocês dois têm razão. O Tati é o senhor cotia, marido da dona Cotia, que não aparece na história. Certo?

Alunos — Certo!

- Professor** — Muito bem! E como é que começa a história?
- 3º Aluno** — Com a dança guerreira e canto dos índios.
- Professor** — Porque a dança guerreira?
- Aluno** — Porque apareceu perto da taba, numa barraca no meio do mato, um moço da cidade, que os índios achavam que devia ser um guerreiro branco inimigo.
- Professor** — Isso mesmo. Muito bem! Então vamos começar. Cada um já sabe o que vai ser nesta peça de teatro. Você aí vai ser um índio, você um outro, aquela ali vai ser a Jaci, você aí o Guerreiro Branco, você o Pajé, e eu mesmo vou fazer o papel do Muruxaua. E Tatá e Tati, que são mais complicados e diferentes dos outros, já estão prontos lá dentro... Então comecemos. Luz! O pano vai se abrindo e nós vamos saindo por aqui.

*

Cenário de floresta tropical brasileira. Ouve-se o coro índio que canta canções de guerra, ao som dos maracás e de primitivos instrumentos de sopro e percussão. Tatá entra, enlevado, acompanhando o vôo de uma borboleta. A música cessa, Tatá pára e suspira.

- Tatá** — Faz três dias que eu não vejo a minha Tamanduínha. Estou com saudades dela! (*retoma o interesse pela borboleta*). Que asas lindas que essa borboleta tem! Desse tamanho eu nunca tinha visto (*suspira*). A minha Tamanduínha é a tamanduazinha mais bonita de toda a floresta. Não é à toa que foi eleita Miss Tamanduá este ano. Mas aonde é que foi mesmo a borboleta azul? Ah, lá está ela naquela moita (*vai para o*

lado de um arbusto, de repente desaparece com um estrondo).

- Tati,** — *(entrando apressado)* Que barulho foi esse? Só pode ser o Tatá. Onde será que se meteu? Tatá! Onde você está *(presta atenção à música índia, que recomeça)*. Tatá! *(ouve-se a voz de Tatá imitando o canto índio. Tati solta uma exclamação)*. É o Tatá! Está aqui por perto. Tatááá!
- Tatá** — Tô aqui.
- Tati** — Aqui aonde?
- Tatá** — Aqui, ora essa! *(canta de novo)*.
- Tati** — Ah! *(corre para a moita)*. Papagaios! O Tatá caiu dentro de um buraco enorme! Tatá? Você está bem?
- Tatá** — Tô *(canta)*.
- Tati** — Você caiu aí dentro e não quebrou nada, não?
- Tatá** — Quebrei um galho que estava aí em cima.
- Tati** — Não quebrou o braço? Nem a perna?
- Tatá** — Não.
- Tati** — E nem esse focinho comprido?
- Tatá** — Não.
- Tati** — E agora como é que eu vou tirar você daí?
- Tatá** — Isso eu não sei. O problema é seu.
- Tati** — Você que caiu aí dentro, e o problema é meu? *(anda aflito de um lado para outro)*. Esse tamanhuá não cria juízo mesmo. Só tem tamanho. Todo dia cai num buraco.
- Tatá** — Ontem não caí nenhuma vez.

- Tati** — Mas anteontem você caiu duas vezes. E trás-anteontem também. Vive distraído, olhando passarinho, borboleta, abelha, florzinha. Ou então pensando numa tal de Tamanduínha, que nunca ninguém viu.
- Tatá** — Estou com saudades da Tamanduínha!
- Tati** — Ouviram? Essa Tamanduínha não existe, ninguém conhece ela, é uma invenção do Tatá.
- Tatá** — Existe sim! É a minha namorada.
- Tati** — Já perguntei pra tudo quanto é índio, pra tudo quanto é bicho. Ninguém nunca ouviu falar nessa Tamanduínha.
- Tatá** — Ela é filha do velho Tamanduá Bandeira.
- Tati** — Bobagem! Ela só existe dentro da cabeça desse tamanduá boboca.
- Tatá** — Qualquer dia vou mostrar a Tamanduínha pra toda gente. E vou andar de braço dado com ela por aí.
- Tati** — Qual o que! Mas deixa isso pra lá. E agora diga: você não está sentindo nada?
- Tatá** — Estou.
- Tati** — O quê?
- Tatá** — Saudades da Tamanduínha.
- Tati** — Já viram que bicho teimoso e cabeçudo? Esqueça disso e diga se não está sentindo mais nada.
- Tatá** — Estou com fome.
- Tati** — Quer algumas formigas?
- Tatá** — Oba! Se quero!
- Tati** — Da vermelha ou da preta?

Tatá — Qualquer uma. Minha barriga está roncando de fome.

Tati olha em volta. Vê um formigueiro. Arrodeia, hesita. Pega um punhado de formigas, corre para o buraco onde caiu Tatá, mas começa a dar pulos e tapas em si mesmo. Depois põe-se a rolar pelo chão.

Tati — Ai! Ai! Peste de formigas! Aaaai! (*continua a correr, dando cambalhotas*).

Tatá — Quêê as minhas formigas, Tati? Tô com fome. (*pausa*). E as minhas formigas?

Tati — Espera... (*dá tapas*) um pouco... (*novos tapas*).

Tatá — Elas ferraram você?

Tati — Ferraram (*tapas*) Toma, peste! Diacho de ferrão duro!

Tatá — Formiga ferra mesmo. Precisa ter prática. Vai ver que você mexeu com formiga de novato (*entra Jaci, mocinha índia, esbelta e bonita, com arco e flecha. Olha espantada os pulos e cambalhotas de Tati*).

Jaci — Tati!

Tati — Cunhãã Jaci!

Jaci — Que dança é essa?

Tati — (*batendo a cabeça*) Sai daí, diaba! Bicho bravo!

Jaci — Nunca vi essa dança. É fácil aprender isso?

Tati — É só sentar naquele formigueiro ali.

Jaci — Hein?

Tati — Isto aqui não é dança. É formiga.

Jaci — Não me diga que você mexeu com formiga de novato? (*ajuda a sacudir fora as formigas de Tati*).

- Tati** — Acho que foi novato, sim.
- Jaci** — São as piores. Das mais bravas.
- Tatá** — E as minhas formigas, Tati?
- Jaci** — É o Tatá?
- Tati** — É. Caiu num buraco.
- Jaci** — *(correndo para a moita)* Outra vez? Tupã das alturas!
- Tati** — Outra vez... pra variar.
- Jaci** — Tatá! Você está bem?
- Tatá** — Estou, Jaci. Mas quero formiga.
- Jaci** — Eu arranjo. Sabe, Tati, a gente põe um galho no formigueiro, as formigas sobem nele e a gente corre e joga no buraco. Assim.
- Tati** — Vou aprender *(Jaci pega um galho com folhas, encosta no formigueiro, depois corre e atira atrás da moita)*.
- Jaci** — Lá vai!
- Tati** — Boa idéia!
- Tatá** — Oba! Formiga em penca! Obrigado, Cunhãã Jaci!
- Jaci** — De nada!
- Tati** — Quer mais?
- Tatá** — Agora quero sair daqui.
- Tati** — Como é que a gente vai tirar o Tatá aí de dentro?
- Jaci** — Eu arranjo uma embira bem forte. Espere um pouco, vou buscar *(sai)*.
- Tatá** — Enquanto a gente espera, joga mais formiga, Tati.
- Tati** — Mais? Espera lá *(pega um pau grosso, remexe no formigueiro, corre e joga de longe no buraco)*.

- Tatá** — Aaaai! Acertou na minha cabeça! ...
- Tati** — Vai comendo aí e não reclame.
- Tatá** — Êta formiga boa!
- Tati** — Esse Tatá vive sonhando acordado, olhando borboletas ou peixinhos no riacho. Ou então pensando na Tamanduínha que ele inventou. Aí então fica tão distraído que cai nos buracos e nos mundéus e armadilhas que os índios fazem. É só largar o Tatá sozinho um minuto e bumba! Cai dentro de um buraco! (*pára, ouve de novo o canto dos índios*). Que será que está acontecendo na taba dos índios?
- Tatá** — Formiga dessa eu como até um buraco cheio.
- Jaci** — (*entrando com um cipó*) Pronto! Esta embira vai servir. É boa e forte.
- Tati** — Legal! O Tatá é pesadão.
- Jaci** — (*jogando uma ponta no buraco*) Tati! Segura essa ponta aí.
- Tatá** — Já peguei.
- Tati** — (*olhando dentro do buraco*) Não, Tatá! Não! Não fique lambendo a embira, não! Isso aí não tem formiga.
- Tatá** — Tem sim. Daquela pretinha, miúda.
- Tati** — E também não é hora de comer formiga.
- Jaci** — Amarre a embira debaixo dos braços.
- Tatá** — Pronto. Já amarrei. Está bom assim?
- Tati** — Está.
- Jaci** — Agora vamos puxar.
- Tati** — Lá vai! Firme aí, Tatá.
- Tatá** — Estou firme (*Jaci e Tati puxam o cipó com força. Aparece a cabeça de Tatá*).

- Tati** — Agarre na beirada, Tatá.
- Jaci** — Mais um pouco de força! (*mais um puxão dos dois, e Tatá vai saindo. As mãos de Tati escapam e ele cai sentado sobre o formigueiro*).
- Jaci** — Oh!
- Tati** — Ai!
- Tatá** — Chiii! E agora?
- Tati** — Uauuuu!
- Jaci** — Ele nem sabe comer formigas!
- Tatá** — Mas as formigas sabem ferrar o bicho (*Tati dá um arranco e sai correndo e berrando*). Papagaio! Como corre!
- Jaci** — Coitado do Tati! Aonde será que ele vai?
- Tatá** — Acho que vai pra dentro da lagoa escura.
- Jaci** — Pra baraúna?
- Tatá** — É. Na água as formigas largam dele.
- Jaci** — Nessa baraúna é que mora a Iara.
- Tatá** — É lá sim. Aquela moça dos cabelos verdes.
- Jaci** — A boiúna também mora lá.
- Tatá** — Aquela cobra, uma cobrona bem grande?
- Jaci** — É.
- Tatá** — Sabem quem mora lá perto também? A Tamanduínha.
- Jaci** — Tatá! Não seja criança! Não tem tamanduá daquele lado.
- Tatá** — Como é que não tem? Eu vou lá todos os domingos.
- Jaci** — Nunca vi tamanduínha nenhuma. E nem o meu pai, o Muruxaua.

- Tatá** — Mas ela existe, sim.
- Jaci** — A gente conhece a floresta inteira e nunca vimos nada.
- Tatá** — *(ofendido e choroso)* Ela existe, existe, existe! É a tamanduazinha mais bonita de todas. *(o Guerreiro Branco vai entrando, recua e fica escondido, ouvindo os dois).*
- Jaci** — Acho que foi você que inventou.
- Tatá** — Inventei nada!
- Jaci** — Ela só mora aí dentro da sua cabeça. É fantasia!
- Tatá** — Eu passeio com ela uma vez por semana até a baraúna.
- Jaci** — Acho que você vai até a baraúna e só fica olhando o espelho da água.
- Tatá** — Um dia ela aparece pra você também.
- Jaci** — Bobagem! De dia lá só tem sapo, peixe e cobra. E de noite tem a Iara, a Boiúna e o Urutau. Tamanduínha não tem.
- Tatá** — Eu já vi ela uma porção de vezes, ela me conhece, já passeou comigo pela floresta *(afastase, amuado)*.
- Jaci** — Até logo! *(sai)*.
- Tatá** — Ninguém acredita em mim, nem na Tamanduínha! Toda gente diz que eu estou mentindo, que eu inventei!
- Guerreiro** — *(aproximando-se e batendo no ombro de Tatá)* Escute, amigo, quem é aquela índia tão bonita que estava aqui?
- Tatá** — *(sem assustar-se)* É a Jaci.
- Guerreiro** — Que beleza de moça! Você já viu coisinha mais linda?

- Tatá** — Não. É a mais linda que existe na floresta toda. Tem um pêlo tão brilhante e macio, o focinho tão engraçadinho, bem cumprido e friozinho na pontinha do nariz!
- Guerreiro** — O quê?
- Tatá** — Você precisa ver a boquinha linda que ela faz quando come formiga.
- Guerreiro** — Que horror!
- Tatá** — (*afastando-se*) Mas ninguém acredita em mim. Só ela, a Tamanduínha, que acredita (*sai*).
- Guerreiro** — Esse tamanduá é meio goiaba. Eu falo de uma coisa e ele responde outra.
- Tati** — (*entrando pelo outro lado*) Pronto! Já estou livre daquelas danadas de formi... (*vê o Guerreiro Branco*) Ui! Que susto!
- Guerreiro** — (*apontando a espingarda*) Quem é você aí?
- Tati** — (*tremendo e gaguejando*) Eu?... eu... eu...
- Guerreiro** — Você parece uma cotia!
- Tati** — A... a... acertou!
- Guerreiro** — Então, dona Cotia?
- Tati** — Não sou dona Cotia... Sou o “seu” Cotia. Meu nome é Tati.
- Guerreiro** — Que é que você quer, Tati?
- Tati** — Primeiro, que você abaixe essa arma aí.
- Guerreiro** — E você não vai me morder não?
- Tati** — Eu? (*faz boquinha*) Eu nem tenho dentes?
- Guerreiro** — Pensa que eu não vi o dentão enorme que você tem?
- Tati** — Bem... eu tenho, sim. Mas eu sou como o meu amigo Tatá. Não mordo ninguém. Sou igual-

zinho a ele. Sou até tamanduá honorário pela Universidade de Mato Grande.

Guerreiro — Como é isso?

Tati — O Tatá só sabe dar abraço. Abraço de tamanduá. A gente precisa tomar cuidado com as unhas dele. Senão machuca. E eu, nem abraço sei dar.

Guerreiro — Nem morder?

Tati — Não. Eu não vou morder ninguém, e você não vai me dar tiro, né?

Guerreiro — Não. Mas...

Tati — Quer dizer, se você der tiro em mim, mata as formigas.

Guerreiro — Formigas? Que formigas?

Tati — Eu estou cheio de formigas. E você não vai querer matar formigas, vai?

Guerreiro — Eu?... Eu, não!

Tati — Porque, se você for matar as formigas acerta em mim. E se acertar em mim, mata as formigas.

Guerreiro — Que embrulhada!

Tati — Pois é, meu pêlo está todo molhado, a bala escorrega, vai pra outro lado, é muito perigoso, pode pegar em alguém, pode matar formiga e a gente também, pode furar o pêlo, e pêlo só é bom sem furo. Se tem furo, precisa costurar, e costurando já não presta... (*vai se encaminhando para a saída*).

Guerreiro — (*sem conseguir interromper a algaravia de Tati*) Mas que bagunça!

Tati — ... porque entra chuva pelo furo, e entrando chuva a gente fica molhado, apanha resfriado, precisa tomar chá de erva contra gripe, dá febre,

dor nas costas, tosse, bronquite e rouquidão, dá sarampo, catapora, erisipela... *(dá uma corrida para fugir, esbarra com Tatá que vem voltando)*.

- Tatá** — Tati! *(vai abraçar Tati)*.
- Tati** — Ai, Tatá, abraço não!
- Tatá** — *(indo choroso para o Guerreiro Branco)* Meu amigo! *(abraça o Guerreiro Branco)*.
- Guerreiro** — Ai! Cuidado com as unhas!
- Tati** — Sai daí, Tatá! Ele está armado! Vamos embora, Tatá! Fuja, Tatá!
- Tatá** — Ah, meu amigo caçador!
- Guerreiro** — Que foi, Tatá?
- Tatá** — O pai da Tamanduínha, o velho Tamanduá Bandeira, não quer que eu passeie com ela! Só no domingo e olhe lá!
- Guerreiro** — Mas por quê?
- Tatá** — Ele diz que eu sou muito criança, só tenho tamanho.
- Tati** — Não deixa de ser verdade.
- Guerreiro** — Pobre Tatá!
- Tatá** — *(chorando)* Buáááá!
- Tati** — Tudo isso é conversa. Essa Tamanduínha nunca existiu!
- Guerreiro** — É verdade que ela foi inventada pelo Tatá?
- Tati** — É. É uma namorada de mentirinha que ele tem.
- Tatá** — Buáááá! *(abraça o Guerreiro Branco)*.
- Guerreiro** — Aaai!
- Tatá** — Só domingo que eu posso ver a Tamanduínha! E já estou louco de saudades!

- Guerreiro** — Olha as unhas, Tatá!
- Tatá** — Só domingo que nós podemos vê cineminha.
- Guerreiro** — Cineminha?
- Tatá** — É. A gente vai ali perto, onde o sol entra por um buraquinho no oco de um pau e faz cineminha do outro lado, numa pedra branca.
- Tati** — *(ainda ressabiado com o Guerreiro Branco, mas fazendo sinal para ele)* — É tudo estória dele!
- Tatá** — É verdade, sim!
- Guerreiro** — Está bom, Tatá! Daqui a quatro dias já é domingo.
- Tatá** — *(mais consolado, suspirando)* Fico pensando o tempo todo na Tamanduínha! *(o canto dos índios volta a ser ouvido com força, com o bater de pés na dança e percussão dos instrumentos).*
- Guerreiro** — Será um cateretê? *(presta atenção)* Não, não é. Os índios estão preparando alguma coisa. Esse canto é de guerra!
- Tati** — É de guerra, sim.
- Tatá** — Estão na taba deles *(o coro índio serve de fundo para Tatá, que avança um pouco e recita).*
- Tatá** — “São rudes, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória.
“Já meigos atendem à voz do cantor.
São todos timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes!
Condão de prodígios, de glória e terror!”
- Guerreiro** — Mas isso é Gonçalves Dias!
- Tatá** — Aprendi com a Tamanduínha.
- Guerreiro** — Ela sabe dizer versos?

- Tatá** — Sabe. E sabe ler e escrever, e até fazer poesias, (*Tati faz um gesto de desalento*).
- Tati** — Agora chega, Tatá. Vamos embora (*Tatá faz um aceno de mão ao Guerreiro Branco e sai com Tati. Sobe a intensidade do canto índio*).
- Guerreiro** — É melhor voltar para a minha barraca. Nunca se sabe o que vai acontecer (*o canto índio diminui, a luz amortece e depois clareia, indicando um novo dia que nasce. Tatá entra pela direita*).
- Tatá** — Ora, perdi de vista aquela saíra-verde! Era linda de morrer (*olha dos lados*). Acho que foi embora. Que pena! Eu queria só ver a cor das peninhas embaixo da asa. Quando ela voa, não dá tempo de nada, e quando está parada, a asa fica fechada (*pausa*). Mas que perfume bom por aqui! Deve ser desta flor (*abaixa-se, fareja*). Hum! É dela mesmo! Vou deixar ela aqui até domingo, aí corto o cabinho e levo prá Tamanduínha. Ah, ali está um galho cheio de formiga amarela miudinha! É pequena, mas é gostosa (*pega o galho, lambe conscienciosamente. Quando vira para um lado, entra Tati*).
- Tati** — (*levando um susto*) Anhangá me proteja! Você também?
- Tatá** — Também o quê?
- Tati** — De espingarda em punho por aí!
- Tatá** — Que espingarda?
- Tati** — Papagaio! Pensei que isso aí fosse arma.
- Tatá** — É um pau com formigas.
- Tati** — Pensei que o Guerreiro Branco tivesse emprestado a espingarda pra você.

- Tatá** — Também não gosto de espingarda.
- Tati** — Nem os índios. Por isso estão cantando e dançando.
- Tatá** — Por causa do Guerreiro Branco?
- Tati** — É. Chamam ele de Iucaçara e de Abaité puxi.
- Tatá** — O que é isso?
- Tati** — Quer dizer “*homem malvado*”.
- Tatá** — Até que ele é bom. Ficou meu amigo.
- Tati** — A gente nunca sabe. Mas olhe, Tatá, acho que vai sair briga. É melhor a gente ir embora pra casa.
- Tatá** — Está na hora do almoço? Então venha almoçar comigo.
- Tati** — O que é que tem na sua casa?
- Tatá** — Tem sopa de formiga, maionese de cupim, bolinhos de formiguinha xexéu, espetinho de saúva na brasa e doce de formiga em calda.
- Tati** — (*com cara de nojo*) Brrr! Prefiro comer na minha casa, com a Cotinha e as cotiazinhas. O almoço de hoje é coquinho. Quer coquinho comigo?
- Tatá** — De casca dura? Formiga é mais molinha.
- Tati** — Então cada um pra seu lado. E depressa, sabe? (*apura o ouvido*). Está ouvindo os maracás? Vai sair guerra. Pode sobrar flechada ou tiro pra gente. E a gente não é índio e nem branco. Somos bichos do mato. Não é mesmo, Tatá? (*Tatá não responde. Está seguindo com os olhos o vôo de um beija-flor*).
- Tati** — Tatá! Agora é um beija-flor!
- Tatá** — Sabe, Tati, não consegui descobrir ainda a cor das peninhas da saíra verde embaixo da asa.

- Tati** — Lá vem você com essas estórias! Vamos embora, isso sim. Vai ter briga de índio e branco. E nós não temos nada com isso (*de um lado se ergue a figura do Muruxaua e do outro o Pajé, enquanto Jaci se aproxima pelo fundo*).
- Muruxaua** — Quer dizer que vocês não têm nada com a briga?
- Tati** — O chefe!
- Tatá** — Inauê, Muruxaua!
- Muruxaua** — Tamanduá e Cotia não têm nada com a luta na floresta?
- Tati** — Nós... a gente... quer dizer...
- Muruxaua** — Todos devem defender a floresta. Índios e animais. Ou lutam ou morrem!
- Tati** — Mas a gente... sabe como é, chefe... não tem nada! Nem arco e flecha, nem tacape, nem borduna, nem nada.
- Muruxaua** — Cada um luta como pode.
- Tatá** — Eu sou grandão, tenho unhas bem boas!
- Tati** — Mas o focinho do Tatá é mole. E eu sou pequeno e fraco.
- Pajé** — Lá muito longe, vêm vindo as máquinas dos homens e brancos. Derrubando a floresta. Abrindo um rasgo que eles chamam de estrada.
- Tatá** — E não é bom isso?
- Muruxaua** — Estrada é boa para o homem branco. Índio não precisa de estrada.
- Tati** — E o que o homem branco quer com a estrada?
- Muruxaua** — Quer levar as nossas pedras faiscantes. Quer as nossas terras. E a pele dos animais como vocês.
- Tatá** — A pele da gente?

- Muruxaua** — O branco quer ser o dono de tudo.
- Tati** — E o que é que a gente vai fazer?
- Pajé** — Eu preparei upuracê. Os maracás vão tocar hoje a noite toda. Avisaremos as tribos amigas. E Tupã vai nos proteger.
- Muruxaua** — Tupã só protege os valentes. As danças são boas, mas o que vale é a força de nossos braços e a pontaria de nossas flechas (*retesa o arco para o lado de Tati que, assustado, pula para trás*).
- Tati** — Ai! (*mais calmo*). E que é que nós dois vamos fazer?
- Muruxaua** — Façam aquele guerreiro que anda por aí perseguir vocês até o atoleiro perto da lagoa. Entrando no atoleiro ele afunda para sempre.
- Tati** — Está bem, chefe Muruxaua.
- Muruxaua** — E tem de ser hoje. Antes que o guerreiro branco ensine o caminho de nossas terras aos seus amigos.
- Tati** — Está bem. Assim faremos.
- Pajé** — É a sua missão. O branco não desconfia de vocês.
- Tati** — Assim faremos.
- Muruxaua** — E sem falhar!
- Pajé** — Hoje mesmo!
- Muruxaua** — Se vocês falharem, Tati será amarrado na árvore de formiga novato e Tatá perderá sua bela cauda.
- Tatá** — Minha cauda? Quer dizer, este meu rabo aqui?
- Tati** — Rabo e cauda são a mesma coisa.

Pajé — Assim será! Erê!

Coro índio — Erê! Erê! Erê!

Pajé — Repita, Cotia.

Tati — Assim será! Erê!

Pajé — Agora repita, Tatá!

Tatá — Tatá!

Pajé — Tatá, não!

Tatá — Eu não?

Pajé — Você, sim!

Tatá — Tatá!

Pajé — Não é assim! Que tamanduá trapalhão! Repita como o seu amigo: Assim será! Erê!

Tatá — Sim, senhor.

Pajé — Não precisa dizer: sim senhor. Repita!

Tatá — Não precisa dizer: sim, senhor!

Pajé — Oh! Este tamanduá é completamente doido!

Tati — Não arme confusão, Tatá. Repita o que o Pajé pediu. Diga assim: Assim será! Erê!

Tatá — Assim será! Erê!

Tati — Pronto!

Coro Índio — Erê! Erê! Erê!

Muruxaua e pajé — Erê!

Coro — Erê! Erê! Erê! (*o chefe e o pajé somem na sombra, enquanto prossegue o coro índio*).

Tatá — E agora, Tati?

Tati — Agora? Não sei.

Tatá — Você é esperto. Eu não sou. Você é que sabe o que a gente vai fazer.

Tati — Vamos achar o guerreiro e atrair para o atoleiro.

- Tatá** — E ele não vai ficar zangado?
- Tati** — Vai. E pode até dar tiro na gente.
- Tatá** — Ele é meu amigo. Foi até camarada comigo.
- Tati** — Não confio muito.
- Tatá** — Eu não tenho nenhuma vontade de levar o meu amigo pro atoleiro.
- Tati** — A gente pode também ir embora deste mato. Eu levo a Cotinha e as minhas cotiazinhas.
- Tatá** — Embora? Mas eu não quero ficar longe da Tamanduínha!
- Tati** — Lá vem você outra vez!
- Jaci** — (*avançando um passo*) Vocês prometeram cumprir a missão.
- Tati** — (*meio sem graça*) A gente prometeu porque estava com medo.
- Jaci** — Querem agora enganar os índios?
- Tati** — Enganar, não. Queremos fugir.
- Jaci** — Meu pai é muito bom e muito justo. Mas também é muito severo. E o pajé também.
- Tati** — A gente conhece bem eles.
- Jaci** — Se não cumprirem a missão, Tatá perde o rabo e Tati vai pro formigueiro.
- Tatá** — (*choroso*) Não quero perder o meu lindo rabinho peludo.
- Tati** — E nem eu quero virar comida de formiga.
- Jaci** — Então tomem muito cuidado.
- Tatá** — Você ajuda a gente, Jaci?
- Jaci** — Ajudo.
- Tati** — A fugir?

- Jaci** — Não! A achar o guerreiro.
- Tati** — Como é que a gente vai achar o guerreiro nesse mato que não tem mais fim?
- Jaci** — Deixe comigo. Ele virá, se eu cantar a canção do Uirapuru com saudades da baraúna.
- Tatá** — Cante, cante! Isso é lindo de morrer.
- Tati** — Ficaremos de prontidão (*Jaci canta a canção do uirapuru. Quando termina, ouve-se o pio breve e repetido de um pássaro*).
- Tatá** — Que passarinho é esse?
- Tati** — Não é passarinho, não.
- Jaci** — É o guerreiro que vem vindo (*o chamado se repete, Jaci responde, o som se aproxima*). Vou me esconder. Agora é a hora de vocês agirem. Boa sorte! (*sai, entra o Guerreiro Branco cautelosamente, com a arma, e vê Tati e Tatá*).
- Guerreiro** — Vocês dois aí! Tatá e Tati!
- Tatá e Tati** — Pronto!
- Guerreiro** — Quem é que estava cantando?
- Tati** — Hein? Tinha alguém cantando?
- Guerreiro** — Claro que tinha. Quem era?
- Tati** — Olha que eu nem tinha reparado.
- Tatá** — Mas não era a Cunhãtã que...
- Tati** — (*pisando no pé de Tatá*) Fica quieto aí!
- Tatá** — Você pisou no meu pé!
- Tati** — (*baixo*) Cala a boca, Tatá!
- Guerreiro** — Ouvi muito bem um canto e um piado muito estranho.
- Tati** — Pois eu não ouvi nada.
- Guerreiro** — Vocês estão escondendo alguma coisa!

- Tati** — Escondendo?
- Tatá** — Onde? (*procura qualquer coisa*). Onde?
- Guerreiro** — Quero saber que mistério é esse.
- Tati** — Bem, a gente não sabe de nada, não é Tatá?
- Tatá** — A gente sabe só que o Muruxaua disse para a gente...
- Tati** — (*tapando o focinho de Tatá*) Quietos! (*ao Guerreiro Branco*). Ele é meio tagarela, meio boboca.
- Tatá** — (*desvencilhando-se*) Boboca é você!
- Guerreiro** — Vamos, venham vocês dois aqui. Vamos conversar direitinho. Sim? (*vai caminhando para Tatá e Tati, que recuam. Depois o Guerreiro Branco corre atrás deles, por entre os obstáculos que houver no palco. Tatá e Tati correm até o proscênio e trocam idéias*).
- Tati** — Está na hora de correr para o lado do atoleiro.
- Tatá** — Então é pra aquele lado ali.
- Tati** — Isso. Vamos! (*alto, para o Guerreiro Branco ouvir*). UU!! Estamos aqui! (*correm e arrojaram uma área supostamente pantanosa. O Guerreiro Branco vai atrás*).
- Tatá** — (*baixo a Tati*) É ali que afunda.
- Tati** — Lá é capaz de afundar você até a ponta do focinho.
- Tatá** — E agora?
- Tati** — Agora a gente fica do outro lado. Ele vem nesta direção e afunda.
- Tatá** — Está bom.
- Guerreiro** — Onde foi que vocês se meteram?

Tati — Estamos aqui.

Guerreiro — Por que vocês pararam aí?

Tati — Porque a gente quis, né.

Guerreiro — Venham cá. Prometo não fazer nada pra vocês.
E até penduro a minha espingarda nesta árvore.

Tatá — Não queremos sair daqui.

Guerreiro — Venham cá.

Tati — Pra quê?

Guerreiro — Quero saber que voz tão linda que cantava ali
onde vocês estavam.

Tati — Não sabemos de nada.

Tatá — De nada.

Guerreiro — Venham cá.

Tati — Você que deve vir aqui.

Tatá — É você, sim. Não é a gente que tem que afundar,
não.

Tati — Burrardo! Cale o focinho!

Tatá — Por quê?

Tati — Você estraga tudo.

Guerreiro — Vocês vêm ou não vêm?

Tati — Não vamos.

Guerreiro — Então vou eu (*começa a andar entre a folhagem
rasteira, vai ficando preso, debate-se e grita*).
Que é isto? Estou afundando! É um atoleiro!
Socorro! Socorro! (*debate-se e grita mais. Tatá
hesita, depois arroteia rapidamente e puxa o
Guerreiro Branco por um braço*).

Tatá — Venha pra este lado.

Tati — (*arrancando os cabelos*) Tatá! Você estragou
tudo!

Guerreiro — Obrigado, Tatá! Foi bem na horinha.

Tatá — Não tem de que.

Guerreiro — Mais um pouquinho...

Tati — Trapalhão de uma figa! Era pra ele afundar!

Tatá — Mas ele gritou *socorro!* E eu socorri ele! Pronto!

Tati — Mas era pra afundar!

Tatá — Se ele não gritasse, eu ficava quieto, mas ele gritou!

Tati — Você só faz bobagem!

Guerreiro — Então era pra eu sumir nesse brejo, era?

Tatá — Bem, lá isso era.

Guerreiro — Quem mandou vocês fazerem isso? Espera um pouco que eu vou ter uma conversinha mais séria com vocês (*Tati agarra Tatá por um braço e o arrasta, fugindo para fora de cena. O Guerreiro Branco começa a limpar as calças*).

Guerreiro — Diacho de lama pegajosa! Que brejo traiçoeiro!

Jaci — (*entrando pelo outro lado, de costas*) Por que o Tati corria tanto? E levando o Tatá junto! Que será que aconteceu aqui? (*retesa o arco com a flecha, vai entrando cautelosamente. O Guerreiro Branco ouve ruído, pega a espingarda e vai recuando. Quando os dois estão próximos, voltam-se de repente e levam susto*).

Jaci e Guerreiro — Oh!

Jaci — Guerreiro!

Guerreiro — Jaci!

Jaci — (*espantada*) Você sabe o meu nome?

Guerreiro — Sei, Jaci.

Jaci — Quem te contou?

Guerreiro — Este meu dedo mindinho. Quer conversar com ele? (*dá dois passos, Jaci recua*).

Jaci — Quietos aí! Senão toma flechada.

Guerreiro — Flechada? Você não tem medo desta espingarda?

Jaci — Não. Atiro melhor com isto, do que você com sua espingarda.

Guerreiro — Isso é que não.

Jaci — Quer apostar?

Guerreiro — Quero.

Jaci — Está vendo aquela flor ali?

Guerreiro — Aquela grande e bonita?

Jaci — É. Vamos ver quem corta o cabinho e leva de prêmio pra casa.

Guerreiro — Está feito. Pode começar (*Jaci atira, a flor desaparece atrás da moita*).

Jaci — É minha!

Guerreiro — (*admirado*) Acertou! (*no mesmo instante a grande flor volta à posição inicial*).

Guerreiro — Puxa! Como foi isso?

Jaci — Eu tinha derrubado ela! Como foi que ela voltou?

Guerreiro — Deixe ela comigo. (*aponta a arma, sai o tiro. A flor some*). Caiu!

Jaci — Acertou também! (*a flor volta a subir*).

Guerreiro — Subiu outra vez!

Jaci — Teimosa, não?

Guerreiro — Que mistério é esse?

Jaci — Vamos atirar os dois juntos? Essa flor tem que cair!

Guerreiro — Vamos! (*os dois apontam juntos, quando Tatá sai correndo de trás do arbusto segurando a flor pelo cabo*).

Tatá — Não! Não! Não! Por favor, não!

Jaci e Guerreiro — O quê!!!

Tatá — Esta flor é da minha Tamanduínha! Bem-me-quer, malmequer, bemmequer, malmequer...

Jaci — O que é isso, Tatá?

Tatá — É da Tamanduínha!

Guerreiro — Dá essa flor aqui.

Jaci — Essa flor é nossa!

Tatá — Não é. É da Tamanduínha!

Guerreiro — É nossa. Dá a flor!

Tatá — Não dou!

Jaci — Dá a flor! (*Jaci e o Guerreiro Branco começam a correr atrás de Tatá, que se esquiva dos dois, dribla a ambos e joga algumas pétalas para um e para o outro*).

Tatá — Um pouquinho pra você!

Guerreiro — Vem cá!

Jaci — Pare aí, Tatá!

Tatá — Um pouquinho pra você também.

Guerreiro — Espere que eu te seguro! (*Tatá desaparece correndo. Guerreiro e Jaci se aproximam*).

Jaci — Que pena!

Guerreiro — Acabou-se a nossa flor.

Jaci — Nem pra mim, nem pra você.

Guerreiro — Podemos juntar as pétalas.

- Jaci** — Sim. Juntando tudo fica a metade da flor.
- Guerreiro** — Já é alguma coisa.
- Jaci** — Melhor que nada (*elevam as mãos em concha, e unem-nas. Nesse instante, volta o coro dos índios e sua música de guerra. O encanto se quebra, os dois desprendem as mãos, Jaci recua, de repente se volta e sai. O Guerreiro Branco se retira lentamente pelo lado oposto. O canto cresce em intensidade, a luz diminui, para depois voltar quando a música cessa completamente. Tatá está pendurado pelos pés, numa embira grossa, dormindo tranqüilamente. Tati entra correndo, preocupado*).
- Tati** — Tatá, você já se meteu em outro enguiço! Dormindo de cabeça pra baixo feito morcego.
- Tatá** — (*acordando*) Tem morcego aqui?
- Tati** — Quem foi que pendurou você?
- Tatá** — Não sei. Eu fui apanhar uma florzinha. Meu nariz ficou cheio de espinhos, aí eu bati num pau e desarmou esse negócio aí, e eu fiquei pendurado.
- Tati** — Você caiu numa armadilha, Tatá. Isso é mundéu. Você não percebeu?
- Tatá** — Eu só ia apanhar a flor.
- Tati** — E o que tinha você de apanhar flor?
- Tatá** — Era pra Tamanduínha. Sabe, eu tinha guardado uma flor grande e bonita pra ela, mas Jaci e o Guerreiro Branco estragaram ela toda. Deram flechada e tiro nela.
- Tati** — Tatá! Você está se lembrando que a gente falhou na missão? O Guerreiro Branco não afundou no brejo e os índios vão pegar a gente por isso.

- Tatá** — E então? O que é que a gente vai fazer?
- Tati** — Vamos fugir daqui. Aqui nós corremos perigo. Senão os índios me põem no formigueiro e cortam o seu rabo.
- Tatá** — (*choroso*) Se eu ficar sem rabo, como é que vou aparecer pra Tamanduínha?
- Tati** — Deixa eu soltar você, e vamos fugir logo.
- Tatá** — Está bom.
- Tati** — Quando eu soltar o cipó, cuidado com a cabeça (*começa a desamarrar Tatá*).
- Tatá** — Sabe, fiquei pendurado aqui vendo as coisas. É tão gozado! Tudo ao contrário. Vi as borboletas ao contrário. Beija-flor também. E o céu lá embaixo. E tinha uma lagarta que, em vez de subir no pau, estava descendo (*põe-se a rir*). Subir pra baixo. (*ri cada vez mais*). Subia... pra baixo!
- Tati** — Tatá! Nós corremos perigo, os índios vão nos pegar e você fica aí rindo desse jeito?
- Tatá** — Sabe outra coisa, Tati? Hoje eu vi embaixo da asa da saíra como é que é. Tem um tufo de peninhas mais claras, amarelinhas. Tão lindo! Vou contar pra Tamanduínha no domingo.
- Tati** — (*resmungando*) Borboletas, saíra, lagarta! Bah! (*alto*) Cuidado com o focinho! (*arreia o cipó*).
- Tatá** — Ui!
- Tati** — Foi o focinho?
- Tatá** — Não, foi o coco.
- Tati** — Doeu?
- Tatá** — Acho que fez um galo.
- Tati** — Então vamos embora já.

- Tatá** — *(olhando em volta)* Agora está tudo direitinho de novo. E a taturana agora está indo pra cima *(recomeça a rir)*. Taturana subindo pra baixo! Ah, há, há!
- Tati** — É bobo mesmo! Vamos embora bem depressa! *(tenta arrastar Tatá para fora. As luzes relampejam. As vozes do Muruxaua e do Pajé invectivam os dois, que se abraçam medrosos)*.
- Muruxaua** — Parem, vocês dois aí! Vocês falharam na missão.
- Pajé** — Falharam!
- Muruxaua** — O branco escapou do atoleiro.
- Pajé** — Nós sabemos de tudo!
- Muruxaua** — Vocês devem ser castigados por causa disso.
- Pajé** — Exemplarmente!
- Muruxaua** — Rigorosamente!
- Pajé** — Não vão escapar.
- Muruxaua** — E vocês já sabem qual é o castigo, não é?
- Pajé** — Esse tamanduá fica sem o rabo e essa cotia vai pro formigueiro.
- Muruxaua** — Então que seja cumprida a sentença! Vamos, Pajé!
- Pajé** — Sim, chefe poderoso! Vamos, valentes guerreiros de nossa tribo! *(alguns índios surgem e correm atrás de Tati e Tatá. Acabam prendendo-os e amarrando suas mãos)*.
- Muruxaua** — Vamos ao castigo, Pajé.
- Pajé** — É pra já, Muruxaua.
- Muruxaua** — Antes do castigo, vocês têm algum pedido a fazer?

Tati — Eu tenho, grande Muruxaua!

Muruxaua — Fale!

Tati — O senhor promete satisfazer nosso pedido?

Muruxaua — É só um pedido?

Tati — Só um. O último.

Muruxaua — Está bem. Um pedido só, de vocês dois juntos.

Tati — Palavra de chefe índio?

Muruxaua — Palavra de Muruxaua não volta atrás.

Pajé — Diga logo, cotia!

Tati — Quero trocar de castigo com o meu amigo.

Muruxaua — Concedido!

Pajé — Mas, chefe...

Muruxaua — E palavra de Muruxaua não volta atrás!

Pajé — Muruxaua, a gente não pode...

Muruxaua — Nem uma palavra! O assunto está encerrado. Promessa de chefe é sempre cumprida! (*o pajé faz um gesto de desalento*).

Muruxaua — (*solene*) Joguem esse grandão no formigueiro e cortem o rabo do baixinho. Tenho dito!

Coro índio — Erê! Erê! Erê! (*gritos de guerra do coro índio. Mudança de luz. O Muruxaua desaparece, o Pajé vem para a frente, andando raivoso de um lado para o outro. Tati e Tatá estão sentados tranqüilamente*).

Pajé — Pois é! Tinha que ser! Cortar o quê nesse baixinho aí? Se ele já nasceu sem rabo! E esse tamanduá grandão ficou feliz como um serelepe, quando pusemos ele no formigueiro. E o chefe diz que não volta atrás. Palavra é palavra!

- Tatá** — Estava gostoso.
- Pajé** — E vocês ainda por cima ficam aí sentados, fazendo gozação?
- Tati** — Ele está dizendo que as formigas estavam gostosas.
- Pajé** — E você dizendo que foi bom ter nascido cotó, não é?
- Tati** — Lá isso é, sim senhor.
- Pajé** — Oh, guerreiros ilustres, filhos e netos de bravos lutadores! Que Guaraci e Tupã vos protejam. E vos livrem desses bichos aí, amigos dos homens brancos!
- Tatá** — *(batendo palmas)* Bravo! Muito bem!
- Tati** — *(baixo)* Cale a boca, Tatá. Não provoque o homem.
- Pajé** — *(furioso)* Fora daqui! Vocês dois! *(volta-se para o fundo)*. Guerreiros! Expulsem esses dois bichos daqui. Fora com eles! FORA! *(entram os índios, Tati e Tatá se levantam e saem correndo, perseguidos por eles. Restabelece-se o ambiente solene, o Muruxaua reaparece. Jaci também)*.
- Muruxaua** — Guerreiros da minha tribo! É preciso destruir o estrangeiro invasor. A todo custo! O homem branco escapou do atoleiro, os bichos falharam na missão. Mas tenho outro plano *(volta-se para Jaci)*, que ficará a teu cargo, minha filha, Cunnhãtã Jaci. Teu canto é capaz de atrair o branco, e tu hás de levá-lo para a baraúna, a lagoa escura em cujo fundo ele se perderá para sempre.

Coro índio — Erê! Erê! Erê!

Muruxaua — Cunhatã Jaci!

Jaci — Sim, meu pai.

Muruxaua — Jura que destruirás aquele Abaité, o branco mau da floresta!

Jaci — *(hesitando levemente)* Juro!

Muruxaua — Jura por Guaraci, jura por Tupã, senhor de Curaci e pai de todos os guerreiros e dos animais da floresta. Jura, cunhãtã de meu sangue!

Jaci — Juro!

Muruxaua — Que Tupã te proteja!

Coro índio — Erê! Erê! Erê!

Muruxaua — Vai, Jaci, vai cunhãtã valorosa de nossa tribo. E só voltas quando o guerreiro estiver destruído.

Jaci — Sim, meu pai.

Coro índio — Erê! Erê! Erê! *(Jaci se move lentamente, como num ritual. Coloca-se no centro, tira seus enfeites, arco e flecha. Deposita tudo no chão. Depois se volta devagar, enquanto soa alto o coro índio. Um tempo. Mudança de luz. É dia, Tatá e Tati brincam alegremente).*

Tatá — Agora vamos brincar assim: “pirulito que bate, bate”? Vamos?

Tati — Vamos.

Tatá — Pirulito que bate, bate!
Pirulito que já bateu!
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu!

Tati — Ai! Você tem cada unha!

- Tatá** — A Tamanduínha também diz isso.
- Tati** — Vai ver que a unha dela é igual... Isto é, seria igual se ela existisse (*Tatá vai protestar, entra Jaci, usando uma longa cabeleira verde*).
- Tatá** — Jaci! De cabelo verde!
- Tati** — Está diferente.
- Tatá** — Essa cabeleira é feita de musgo e limo. Jaci está linda.
- Tati** — Linda mesmo. De cabelo verde até parece...
- Tatá** — A Iara!
- Tati** — Isso! Jaci está fingindo de Iara.
- Tatá** — Pra que será?
- Tati** — Sei lá! ... Podia ser... Já sei! Pra atrair o Guerreiro Branco.
- Tatá** — Atrair pra onde?
- Tati** — Isso eu não sei! (*aproxima-se de Jaci*). Jaci! Jaci! Você está me ouvindo? (*Jaci não se move e não responde*).
- Tatá** — Jaci!
- Tati** — Fale com a gente, Jaci!
- Tatá** — Nós somos seus amigos.
- Tati** — Você vai atrair o Guerreiro Branco? (*Jaci se volta, sem responder*). O Abaité puxi?
- Tatá** — Vai atrair, vai?
- Tati** — Pra onde? Conte pra nós.
- Jaci** — (*baixinho*) Pra baraúna.
- Tatá** — Lá tem peixinho dourado, mas tem piranha também.
- Tati** — É uma lagoa perigosa.

- Tatá** — Você vai entrar na água, Jaci?
- Jaci** — Não.
- Tati** — (*a Tatá*) Jaci vai ficar na outra margem. Do outro lado. Vai fingir de Iara e atrair o guerreiro pra água.
- Tatá** — Como é que a gente atrai?
- Tati** — Você não sabe atrair nada, mas ela sabe.
- Tatá** — De que jeito?
- Tati** — Naturalmente, com o canto do Uirapuru. Não é Jaci?
- Jaci** — É.
- Tatá** — Você vai agora mesmo, vai?
- Jaci** — Vou. Vou ficar esperando lá, até a lua aparecer no céu.
- Tatá** — Assim fica mais claro pro guerreiro afundar na baraúna. Que pena! Ele já tinha ficado nosso amigo.
- Tati** — Os índios querem que ele desapareça.
- Tatá** — E se ele não desaparecer?
- Tati** — Jaci será castigada.
- Tatá** — Quem não tem rabo, vai direto pro formigueiro.
- Jaci** — Adeus, Tati (*beija o focinho de Tatá*). Adeus!
- Tati e Tatá** — Adeus!
- Tatá** — Que Anhangá te proteja!
- Tati** — Tatá! Anhangá só protege os bichos. Gente não. (*Jaci se vai*).
- Tatá** — Vamos continuar o “pirulito que bate, bate”, Tati?
- Tati** — Não. Perdi a vontade (*luz prateada no cenário. Ouve-se o canto do Uirapuru e depois se eleva*

*a voz de Jaci cantando a canção da Iara.
Aparece o guerreiro e pára, enlevado).*

Guerreiro Branco — A mesma voz daquele dia! Um canto de pássaro, depois essa voz muito linda. Que mistério é esse?

Tatá — Não é mistério, não. É...

Tati — *(tapando a boca de Tatá)* Fique quieto, seu.

Guerreiro — Ah, vocês estão aí!

Tati — Estamos, sim.

Guerreiro — Vocês não ouviram o canto do Uirapuru?

Tati — Ouvimos.

Tatá — *(soltando-se)* Foi a... *(Tati intervém de novo, Tatá escapa e diz baixinho)* Eu ia dizer que foi a Iara.

Tati — Não diga nada. Quanto mais você fala, mais atrapalha. *(ouve-se novamente a voz que canta).*

Guerreiro — Escute! Escute! É ela!

Tati — A Iara.

Guerreiro — A Iara!

Tati — É. Lá na baraúna.

Guerreiro — Onde é essa baraúna?

Tati — É a lagoa escura.

Guerreiro — Aquela junto da grota funda?

Tati — É.

Tatá — *(soltando-se)* Depois da baraúna que mora a Tamanduínha.

Guerreiro — Como será ela?

Tatá — A Tamanduínha?

Tati — A Iara, seu bobo!

- Guerreiro** — Eu queria muito ver como ela é. Uma vez que fosse. Já ouvi falar tanto nela!
- Tati** — Ela tem cabelo verde comprido.
- Tatá** — De limo e musgo.
- Tati** — Do fundo da água.
- Tatá** — E às vezes tem uma flor nos cabelos, um lírio do brejo.
- Guerreiro** — A voz dela é muito bonita.
- Tatá** — Dizem que os moços se encantam com ela e vão até o fundo das águas.
- Tati** — Tatá! Você já está falando demais.
- Guerreiro** — Pois eu vou ver essa Iara. Mas não irei atrás dela.
- Tati** — Por que não? Todos vão.
- Guerreiro** — Porque estou doido por encontrar de novo uma figurinha de mulher... como nunca vi igual. Uma cunhãtã linda e morena... de olhos negros e profundos... com uma flor vermelha nos cabelos!
- Tatá** — É a Já... (*é tapado por Tati, debate-se, pula de lado indignado*). Tati! Toda vez que você vai tapar a minha boca, tapa o meu nariz!
- Tati** — Também com esse focinho tão comprido, a gente erra atoa.
- Guerreiro** — Essa moça não me sai mais do pensamento...
- Tati** — Deve ser bonita, essa cunhãtã.
- Guerreiro** — Linda! Linda de morrer! Até acordado eu sonho com ela (*novamente se ouve o canto de Jaci. O Guerreiro, extasiado, dispõe-se a sair*).
- Guerreiro** — Até logo, meus amigos.

- Tati** — Não esqueça. Vá indo aí em frente. Até a baraúna.
- Tatá** — Até logo (*faz beijo de choro*). Ele vai parar no fundo da lagoa, Tati.
- Tati** — Se ele não for, pior pra Jaci.
- Tatá** — Você acha mesmo?
- Tati** — Acho. Jaci será jogada num poço cheio de formiga novato (*Tatá choraminga, e faz um sinal de adeus na direção do Guerreiro. Um tempo. Tatá e Tati desaparecem, volta a luz do luar ao cenário. O Guerreiro vem pelo centro, ouvindo a voz de Jaci acompanhada pelo coro índio*).
- Guerreiro** — A baraúna! Lá está a água escura. Parece de prata, com o luar batendo nela (*no fundo do cenário se ergue Jaci, arrumada como a Iara, com seus cabelos verdes. Continua seu canto, que é um convite para visitar com ela o fundo das águas, onde há toda uma floresta encantada*).
- Guerreiro** — A Iara!
- Jaci** — Vem, guerreiro branco! Vem percorrer comigo a floresta encantada.
- Guerreiro** — É você... a Iara... que me chama?
- Jaci** — Sim, sou eu.
- Guerreiro** — Daqui só vejo teus cabelos verdes.
- Jaci** — Chegue mais perto de mim.
- Guerreiro** — (*avançando um passo*) Agora já vejo melhor... teus olhos!
- Jaci** — Entre na água... Venha ao meu encontro.
- Guerreiro** — Não... agora não.

Jaci — Por que não?

Guerreiro — Quero rever uma linda cunhãtã, de olhos negros... Jaci!

Jaci — Jaci?

Guerreiro — Não consigo esquecer-la... nem um instante.

Jaci — *(perturbada)* Eu... veja... sou a Iara... Também pareço Jaci. *(afasta os cabelos, mostrando o rosto)*. Olhe!

Guerreiro — *(assombrado, dando mais um passo)* Jaci! Você parece demais com ela! Cunhãtã Jaci!

Jaci — Você não entraria na água... para me ver de perto?

Guerreiro — Entraria!

Jaci — Nessa lagoa escura, funda?...

Guerreiro — Sim.

Jaci — ...traíçoeira?

Guerreiro — Não tenho medo.

Jaci — Nem de morrer afogado?

Guerreiro — Não *(dá mais um passo)*.

Jaci — Espere!... É perigoso!

Guerreiro — Eu bem sei *(avança mais)*.

Jaci — Não... Aguarde um pouco! Eu... eu...

Guerreiro — Quero ver você de perto... sei que é ilusão... Essa Iara, que parece tanto Jaci.

Jaci — *(entrando em pânico)* Não! Não!

Guerreiro — Não sei se verei Jaci de novo. Mas você... hei de ver. De perto... agora! *(dá mais um passo, Jaci dá um grito, corre arrodando as plantas por fora. Agarra o Guerreiro por um braço, puxa*

para trás. Arranca a cabeleira verde e põe-se a chorar).

- Jaci** — Não posso... não posso!
- Guerreiro** — Jaci! É você mesma?
- Jaci** — Não posso! Prefiro voltar à taba... Receber o castigo!
- Guerreiro** — Jaci!
- Jaci** — Sou eu, sim.
- Guerreiro** — Não chore!
- Jaci** — Traí meu pai, meus irmãos, meu povo!
- Guerreiro** — O que é que você está dizendo?
- Jaci** — Não tive coragem. Você, não! Outro qualquer, sim, mas você, não. Falhei na minha missão! (*Tatá e Tati, que entraram alguns momentos antes, ficam de lado, sem entender muito bem*).
- Guerreiro** — Explique tudo para mim, Jaci (*passa a mão pelos cabelos de Jaci, que foge e desaparece*). Jaci! Volte, Jaci!
- Tati** — Que foi que aconteceu?
- Guerreiro** — Ela... parece a Iara.
- Tatá** — E você não se afogou, não é?
- Guerreiro** — Ela me chamou.
- Tatá** — Pra dentro da água?
- Guerreiro** — Foi. Eu fui andando. Ela se arrependeu...
- Tati** — Tão depressa?
- Guerreiro** — ...gritou, eu parei, ela começou a chorar.
- Tatá** — E fugiu feito lebre.
- Tati** — O chefe deu pra ela a missão. Fingir de Iara, atrair você.

Guerreiro — Atrair pra quê?
Tati — Pra afogar você na lagoa.
Guerreiro — Porque o chefe quer que eu morra?
Tatá — Porque você é o Guerreiro Branco. Que vai tomar as terras dos índios... e tudo que eles têm.
Guerreiro — Eu? Não vou fazer nada disso.
Tati — Mas Jaci falhou na missão. Vai sofrer castigo.
Guerreiro — Que castigo?
Tati — Um negócio de formiga.
Tatá — Aquele Muruxaua é meio zangado. E o Pajé é fogo na tanga (*o guerreiro vai sair correndo*).
Tati — Espere! (*pega a espingarda no chão*). Não vai levar?
Guerreiro — Não. Pra quê? (*sai*).
Tatá — Ele não vai salvar a Jaci do castigo dos índios?
Tati — Não, porque Jaci está triste e pensa que traiu seu povo e merece castigo.
Tatá — Que chato, não?
Tati — Só não entendo uma coisa.
Tatá — Que é?
Tati — Por que Jaci se arrependeu e não deixou o guerreiro se afogar? E por que ele foi atrás dela no meio dos índios?
Tatá — Ora, Tati! Isso eu sei. Você é mais sabichão que eu. Eu sou ignorante. Mas tem uma coisa que eu sei mais que você. Aprendi com os passarinhos, as borboletas, as abelhas...
Tati — Hein?
Tatá — Isso é amor, Tati.
Tati — O quê?!

- Tatá** — O Guerreiro e a cunhãtã Jaci estão gostando um do outro.
- Tati** — *(meio sem voz)* Que absurdo!
- Tatá** — Absurdo, nada. *O borboleto* gosta da borboleta, o sapo da *sapinha*, o *abelho* da abelha, e eu da Tamanduínha. Por que não a Jaci e o Guerreiro? Será que você entende desse negócio, Tati?
- Tati** — *(perturbado)* Eu?...
- Tatá** — Afinal, você casou com a dona Cotinha. Não foi?
- Tati** — Foi.
- Tatá** — Veja só? *(olha em volta)*. Ah, aqui está uma linda flor pra levar pra Tamanduínha no domingo! Vou pôr agora mesmo num vaso com água *(apanha a flor e corre)*.
- Tati** — Estou começando a acreditar que essa Tamanduínha é capaz de existir mesmo *(na Taba, arde o fogo ritual. No meio da ocara o nheengaba se reúne. Os índios cantam e dançam ao som dos maracás e flautas. O Muruxaua e o Pajé estão junto da fogueira. O Chefe ergue os braços, todos se calam. Entra Jaci, presa por uma corda (embira) e puxada por um índio. Pára no meio de cabeça baixa)*.
- Muruxaua** — Meu coração de pai está triste. Minha filha, sangue do meu sangue, traiu sua gente.
- Coro índio** — Erê! Erê! Erê!
- Muruxaua** — O Abaitê branco está vivo e livre pela floresta.
- Coro índio** — Erê! Erê! Erê!
- Muruxaua** — Cunhãtã Jaci não deixou que ele fosse para o fundo da lagoa. Merece por isso grande castigo.

Pajé — Merece!

Coro índio — Erê! Erê! Erê!

Muruxaua — Fala, Jaci, e diz o que vai dentro de teu peito
(*Jaci continua imóvel*). Confirma pelo menos
que deixaste o Guerreiro Branco salvar-se.

Jaci — Sim, meu pai.

Muruxaua — E por que fizeste isso?

Jaci — Meu coração assim quis.

Muruxaua — Odeias o teu povo?

Jaci — Eu amo o meu povo.

Muruxaua — Então por quê?

Jaci — Foi num impulso, mais forte que minha vontade.

Muruxaua — Preferes que o branco destrua nossa taba?

Jaci — Eu sinto aqui dentro que ele não é nosso inimigo.

Muruxaua — O branco é falso. Todos eles são.

Jaci — (*docemente*) Nem todos, meu pai.

Muruxaua — Teu coração de cunhambira nada sabe da vida.

Jaci — Saberei pelo menos enfrentar o castigo com coragem. Sabendo que ele é justo.

Muruxaua — Assim seja! Erê!

Coro índio — Erê! Erê! Erê!

Pajé — (*adiantando-se*) Cunhambira, Jaci! Serás jogada num buraco, onde há purungas secas cheias de formigas. Vamos, guerreiros! (*o Pajé e os índios agarram Jaci. Entra o Guerreiro Branco sem armas e caminha até o meio dos índios estupefactos*).

Guerreiro — Muruxaua, ilustre! Chefe guerreiro dos mais
Branco valorosos caciques!

Muruxaua — Que faz você aqui, Guerreiro Branco?

Guerreiro — Vim sem armas. Não sou guerreiro. Minha
espingarda se destina apenas a defender minha
vida (*vai até Jaci e toma-lhe as mãos*).

Muruxaua — Tua vida está em nossas mãos, agora.

Guerreiro — Vim para acompanhar Jaci. Quero estar junto
com ela na hora do castigo.

Muruxaua — (*assombrado*) Junto com ela?

Pajé — Junto? (*exclamações de espanto dos índios*).

Guerreiro — Não posso viver sem Jaci. Quero ficar com ela,
e sofrer a mesma sorte.

Muruxaua — Isso é loucura!

Pajé — Loucura!

Guerreiro — Mas é o meu desejo.

Muruxaua — Você também abandona a sua taba, os seus
guerreiros? E vem se entregar a nós... seu
inimigo?

Guerreiro — Não sou guerreiro.

Muruxaua — Que você quer, então? Que está fazendo aqui,
nas nossas terras?

Guerreiro — Armei minha barraca na margem do rio.

Muruxaua — Para quê?

Guerreiro — Sou engenheiro. Faço pontes. Para uma estrada
que vai passar aqui perto.

Muruxaua — Vocês brancos não sabem que estas terras são
nossas? E sempre foram nossas, de nossos pais,
nossos avós?

Guerreiro — Eu sei.

- Muruxaua** — E quer fazer estrada assim mesmo?
- Guerreiro** — Antes parecia fácil. Era só afastar vocês índios para um lado. Ou mandar pra outras terras.
- Muruxaua** — E agora? Mudou de idéia?
- Guerreiro** — Estou conhecendo pessoas. E bichos também. E aprendendo coisas.
- Muruxaua** — Que coisas?
- Guerreiro** — Que os índios também são seres humanos. Para serem respeitados e amados.
- Muruxaua** — Os brancos nunca pensaram assim. Nunca nos respeitaram.
- Guerreiro** — Alguém tem que começar. E é pena que não seja eu.
- Muruxaua** — Por quê?
- Guerreiro** — Porque vou sofrer a sorte de Jaci. Junto com ela (*o Muruxaua se aproxima lentamente de Jaci e do guerreiro*).
- Muruxaua** — A sabedoria de nosso povo ensina uma grande verdade: um homem que vem morrer por amor, jamais diz uma mentira (*desamarra Jaci*). Vocês estão livres!
- Coro índio** — Erê! Erê! Erê! (*ouve-se um estrondo, todos se sobressaltam. Tati entra correndo*).
- Tati** — Socorro! Socorro! (*corre em volta gritando*)
Socorro!
- Vozes** — (*de todos os lados*) Que foi? Que foi? Que aconteceu?
- Tati** — O Tatá caiu dentro do poço das purungas (*continua correndo e gritando por socorro e sai*).
- Jaci** — E agora?

- Guerreiro** — Como é esse poço?
- Jaci** — Cheio de purungas. Eles estouram de uma vez só.
- Guerreiro** — Foi o barulho que ouvimos?
- Jaci** — Foi.
- Guerreiro** — Então a gente precisa de uma embira bem forte pra tirar o Tatá lá de dentro.
- Tati** — (*volta correndo*) O Tatá achou formiga no poço. Diz que não sai de dentro.
- Jaci** — (*assustada*) Se ele não sair logo, as paredes começam a desmoronar, a terra cai toda e ele fica preso.
- Pajé** — Fica preso pra sempre. É assim que nós fazemos o poço.
- Jaci** — Tupã das alturas!
- Muruxaua** — (*ao guerreiro*) Tome esta muçurana e salve seu amigo tamanduá.
- Pajé** — Antes que seja tarde.
- Tati** — Ele diz que só sai quando acabarem as formigas.
- Pajé** — Então está perdido!
- Jaci** — (*chorando*) Pobre Tatá! Tão amigo nosso!
- Guerreiro** — Não chore, Jaci. A gente vai dar um jeito (*corre para a borda do buraco*). Tatá! Está me ouvindo?
- Tatá** — Estou!
- Guerreiro** — Agarre esta embira. Amarre no corpo.
- Tatá** — Não quero. Aqui está cheio de formigas. As melhores que eu já comi na vida.
- Guerreiro** — Tatá, esse lugar é perigoso! Está desmoronando!
- Tatá** — Perigoso nada. Tem muita formiga.

- Pajé** — Nunca vi tamanduá mais teimoso e cabeçudo.
- Tati** — Nem mais guloso.
- Jaci** — Tatá! Por favor, Tatá. A terra está começando a cair. Você vai ficar preso.
- Tatá** — Deixa que caia. Êta formiga boa! (*Tati anda nervoso de cá para lá, dá um pulo e grita*).
- Tati** — Achei! Achei a solução!
- Guerreiro** — Que foi?
- Tati** — Já sei como é que eu vou tirar o Tatá desse buraco.
- Todos** — (*correndo para Tati*) Diga! Diga logo! Diga!
- Tati** — Vou pregar uma mentirinha nele. Digo que a Tamanduínha está chamando.
- Jaci** — Mas ela não existe!
- Tati** — Por isso mesmo. E é pro bem dele (*corre para o buraco*). Tatá! Tenho um recado pra você.
- Tatá** — Que recado? Se for truque seu pra eu sair daqui, não vai adiantar nada.
- Tati** — É do Tamanduá Bandeira.
- Tatá** — O QUÊ???
- Tati** — Você ouviu. Do pai da Tamanduínha.
- Tatá** — (*berrando*) Então diga logo!
- Tati** — Ele disse... que você pode ver a Tamanduínha... agora mesmo.
- Tatá** — AGORA???
- Tati** — É. A Tamanduínha está te esperando.
- Tatá** — UAU! IUPIII! (*num salto enorme, Tatá pula para fora e passa como um foguete pelos presentes*).

- Tatá** — Viva! Iupiiii! (*desaparece correndo*).
- Tati** — Vocês viram o salto que ele deu?
- Pajé** — Eu não sabia que tamanduá pulava tão alto assim!
- Tati** — É como ele mesmo diz: o amor faz a borboleta voar mais depressa.
- Guerreiro** — (*abrançando Jaci*) Nós sabemos disso.
- Jaci** — E como! (*dão-se as mãos e correm ao pros-cênio, seguidos por todos. O pano se fecha, o Muruxaua volta a ser o professor e os outros, os alunos, removendo os cocares e adornos índios*).
- Professor** — E assim termina a nossa estória, que foi... (*é interrompido pela passagem de Tatá entre os alunos, feito um furacão. Os alunos o agarram de todos os lados*).
- Alunos** — Tatá!
- Professor** — Aonde você vai, correndo desse jeito?
- Alunos** — Aonde? Aonde?
- Tatá** — Me larguem! Me deixem! Vou ver a Tamanduínha.
- Professor** — Mas a história já acabou.
- Tatá** — O quê?
- Professor** — A história, quer dizer, a peça de teatro já acabou.
- Tatá** — E daí? Eu quero ver a minha Tamanduínha assim mesmo.
- Aluno** — Essa Tamanduínha é pura invenção. É só do teatro.
- Tatá** — Invenção de quem?
- Aluno** — De quem escreveu a estória.

- Tatá** — Tamanduínha! TAMANDUÍNHA! (*sai de novo, correndo*).
- Aluno** — (*que fez o papel de Tati*) Agora com que cara que eu vou falar com o Tatá?
- Professor** — Por quê?
- Aluno** — (*Tati*) Eu preguei uma mentira nele.
- Professor** — Estava escrito na história.
- Aluna** — (*Jaci*) Foi pra salvar a vida dele.
- Aluno** — (*Tati*) Eu sei. Mas mentira é mentira. O Tatá vai ficar chateado comigo. Ele é como criança.
- Professor** — Você foi um bom amigo. Isso é o que conta.
- Tatá** — (*entrando afobado*) Vejam! Vejam! O sorvete que o seu Tamanduá me deu. Ele disse que a Tamanduínha quer falar comigo. Ela está me esperando...
- Tamanduínha** — Tatá? Aonde você foi? Venha cá falar comigo!
- Tatá** — (*radiante*) Estão ouvindo? É ela que está me chamando (*assombro geral. Todos se entreolham. Tatá dá uma lambida no sorvete*).
- Tatá** — Tchau pra vocês. Obrigado, Tati. Você é muito legal (*sai correndo*).
- Aluno** — Então ela existe mesmo! (*murmúrio geral de espanto. Os comentários se cruzam de todo lado*).
- Professor** — Ora vejam só! Querer é poder. Quando a gente quer mesmo de verdade, nada é impossível.

F I M

Glossário de termos usados neste livro

ABAITÊ	—	Homem cruel, torpe.
ANHANGÁ	—	Gênio protetor dos animais selvagens.
BARAÚNA	—	Rio escuro.
BOIUNA	—	Serpente escura das águas.
BORDUNA	—	Arma de guerra. Espécie de clava ou maça.
CATERETÊ	—	Dança rural cantada.
CUNHÃ	—	Mulher.
CUNHÃTÃ	—	Mocinha.
ERÊ	—	Sim, isso mesmo.
GUARACI	—	Mãe dos viventes. Sol.
IARA	—	Mãe d'água. Deusa dos rios.
INDAUÉ, anauê	—	(<i>saudação</i>). Salve!
IUCAÇARA	—	Matador. Assassino.
JACI	—	Lua.
MALOCA	—	Casa de habitação indígena.
MARACÁ	—	Instrumento de música. Chocalho.
MUÇURANA	—	Corda usada pelos índios. Embira.
MURUXAUA	—	Chefe. Superior.
NHEENGABA	—	Conselho ou assembléia.
OCARA	—	Praça no meio da taba.
PAJÉ	—	Feiticeiro da tribo.
PUXI	—	Mau, malvado, ruim.
TABA	—	Aldeia indígena.
TACAPE	—	Arma de guerra. Borduna.
TUPÃ	—	Divindade.
UIRAPURU	—	Deus dos pássaros. Pássaro raro da Amazônia.
UPURACÊ	—	Dança.
URUTAU	—	Noite. Pássaro noturno.